

GLADSTON HOLANDA
Enviado Especial

Chicago — A dívida externa dos países da América Latina não preocupa apenas os conglomerados financeiros norte-americanos, mas interfere também na pesquisa e desenvolvimento dos Estados Unidos, que necessitam da aplicação de três por cento do Produto Interno Bruto deste país, ou seja, 90 bilhões de dólares para fazer frente ao desenvolvimento tecnológico do Japão.

A afirmação foi feita ontem por Bobby R. Inman, presidente da Microelectronics and Computer Technology Corp. (MCC), ao abrir os trabalhos da National Computer Conference (NCC), que estará sendo realizada nesta cidade até quinta-feira. Além de reunir especialistas de todo o mundo para apresentação de palestras sobre o desenvolvimento da informática e suas perspectivas, a NCC realiza a maior feira de equipamentos do mundo, ligada ao setor. Este ano, participam 600 expositores que ocupam 39 mil metros quadrados do MC Cormick Place de Chicago, e o maior rival dos Estados Unidos, o Japão, trouxe sua mais avançada tecnologia.

Inman, ex-oficial da Marinha norte-americana, apontou em sua exposição seis áreas básicas que deverão ser prioritárias para o desenvolvimento tecnológico norte-americano, sob pena de perder espaço para os japoneses: telecomu-

nicações, microeletrônica, ciência dos materiais, biotecnologia, tecnologia espacial e automação industrial, alertando que é necessária com urgência a alocação de recursos para essas áreas.

A companhia, presidida por Inman, inclusive, é um pool de 30 empresas norte-americanas interessadas em pesquisar e desenvolver novos produtos, embora não façam parte da MCC duas importantes indústrias do setor: a Burroughs e a IBM.

Com uma exposição mais política que técnica, Inman informou que no início da próxima década a automação trará ao Japão 250 mil desempregados mas que, em compensação, 750 mil novos empregos serão criados na área de serviços. Aparentemente o modelo japonês para implantação da automação, que traz um saldo positivo, a nível de seus impactos na sociedade, é uma meta a ser seguida pelos norte-americanos.

Para se ter uma idéia do nível de automação dos Estados Unidos, impera na Sala de Imprensa do MC Cormick Place terminais de computador ligados diretamente às redações dos jornais do país. São poucas as máquinas de escrever (obviamente elétricas) e não existe telex.

LASER

Os japoneses vieram a Chicago dispostos a mostrar porque podem se tornar, a curto prazo, o país mais tecnologicamente avançado

do mundo. São dezenas de empresas japonesas estrategicamente espalhadas por todos os setores da exposição, e que despertam o interesse crescente dos norte-americanos. Um dos mais interessantes equipamentos é o terminal impressor da Tec-Tokyo Electronic Co., Ltd. que reproduz, com incrível resolução gráfica, desenhos nas mais variadas cores. Outro sucesso de público, também da Tec, é uma impressora portátil a laser do tamanho de uma caixa de sapatos. Embora lenta, a impressora tem excelente resolução gráfica e imprime palavras, símbolos e desenhos, sendo ideal para os usuários de microcomputadores, pessoais ou profissionais.

A Toshiba, indústria também japonesa, traz uma novidade revolucionária: o disco óptico para armazenar informações que poderá tornar obsoletos os periféricos até então utilizados como unidades de fitas e de discos fixos ou não. O disco óptico da Toshiba é idêntico ao utilizado pela indústria fonográfica e traz como vantagem a possibilidade de gravar centenas de informações via computador.

Uma das maiores indústrias norte-americanas de microcomputadores, a Apple, que atravessa uma violenta crise financeira ocasionada pela retração da demanda e pela forte concorrência da IBM, não está presente à NCC. Segundo algumas informações, a Apple está prestes a ser vendida a uma indústria norte-americana.